

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA: UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE O COMÉRCIO DA CERÂMICA DE AREZZO NA ÉPOCA DE AUGUSTO (27 A.C. A 14 D.C)

Prof. Margarida Maria de Carvalho – UNESP

Resumo

Trata-se de um artigo sobre o Comércio da Cerâmica de Arezzo na época do Imperador Augusto, 27 a.C. a 14 d.C. Na verdade é uma tentativa de interpretação sobre este comércio. Utilizamos fontes textuais e arqueológicas.

A cerâmica arrentina atingiu seu máximo na época de Augusto e extinguiu-se, definitivamente, na época do Imperador Tibério.

Arezzo é uma cidade localizada ao norte da Itália. Chamava-se, anteriormente, Arrentina ou Arretium e antes de se tornar uma colônia do Império Romano foi um antigo centro Etrusco.

Os caminhos para se compreender as engrenagens da origem da cerâmica arrentina e seu comércio continuam em aberto: o que estamos tentando realizar é um estudo comparativo dos dados obtidos para nos aproximarmos de uma possível interpretação sobre o tema. Por intermédio das referências arqueológicas podemos adquirir informações econômicas que podem nos auxiliar neste caminho.

Realizamos um levantamento sistemático sobre a produção científica relativa ao tema, porém deixamos em aberto várias problemáticas. Como exemplo, não se sabe quem tinha interesse em produzir a cerâmica arrentina, quem a utilizava e se por acaso ela era instrumento de algum aparato ideológico.

Ao nos depararmos com o estudo do comércio da cerâmica de Arezzo, encontramos inúmeras dificuldades: a começar pelo material bibliográfico disponível: não é muito vasto e menos ainda específico.

Trata-se, porém, de um tema bastante curioso, pois representa um grau de importância relevante na compreensão da História Econômica e Social do Império Romano, dentro do período supra assinalado. Por acreditarmos nesta idéia é que resolvemos escrever um pouco sobre o assunto, assim tentaremos identificar as principais características desta cerâmica.

mica, dando uma possível interpretação sobre seu comércio. Para tanto articularemos os dados arqueológicos que esta apresenta e as informações a respeito do comércio contidas nas fontes textuais.

Através de obras como as de Plínio, *História Natural* (século I d.C.), Marcial, *Epigramas* (século II d.C.) e Isidoro de Sevilha, *Etnologia* (século VI d.C.), notamos que a cerâmica Arretina é uma das classes de cerâmica romana mais conhecida. Tal fato foi devido à grande difusão pelo Império Romano e, também, por ter dado origem a outros estilos; como exemplo, o das Gálias e o da Península Ibérica.

Desde o século VI a.C., a cidade de Arezzo já possuía uma forte tradição artística; ficou famosa, nesta época, por suas estatuetas em bronze e no século V a.C. pelas suas harmoniosas decorações feitas em argila.

Durante os séculos V e VI a.C. a referida cidade foi adversária de Roma; mas no século III a.C. entrou em sua órbita iniciando, ao mesmo tempo, a produção da cerâmica de verniz negro. Arezzo continuou a prosperar nos séculos posteriores – principalmente em finais do século I a.C e em inícios do século I d.C. – chegando ao auge de sua expansão com uma vasta produção e ampla exportação de cerâmica vermelha lisa ou decorada em relevos (6:617).

Sendo assim percebemos que a produção da cerâmica arretina atingiu o seu máximo no período de Augusto (27 a.C a 14 d.C.), e em meados do século I d.C – 60 a 80 d.C. – extinguiu-se definitivamente. É difícil estabelecermos as causas deste declínio. Por um lado a explicação mais tradicional relaciona o fato com a criação e a rápida ascensão da cerâmica da Gália Meridional. Por outro, sabe-se que algumas fábricas de Arezzo tiveram suas portas fechadas mesmo antes desta ascensão.

A origem da cerâmica é, também, muito discutida. Goudineau (3:123) afirma que as tentativas de produção de vasos de cerâmica em Arezzo foram por volta da metade do século I a.C. Para este autor, a cerâmica de tonalidade vermelha teria sofrido a influência do repertório etrusco-campânico, ou seja, da cerâmica negra da Campânia.

Outras referências assinalam que, desde o final do século II e início do Século I a.C., a cerâmica de superfície vermelha fora fabricada na Bacia Oriental do Mediterrâneo. Com o nome de Samiana ou Pergaminiana saía de centros da Ásia Menor, Síria ou Egito. Esta cerâmica foi encontrada no Ocidente em pequeníssima quantidade, porém as datas das importações foram regionais ou estrangeiras.

O autor Peacock (10:115) comenta a existência de muitos centros produtores na Itália no século I a.C. e acrescenta que tais centros produ-

ziam uma cerâmica brilhosa de tradição grega. Algumas evidências sugerem que Arezzo teria produzido a cerâmica negra; a mudança para a cor vermelha teria ocorrido por volta de 30 a.C. Há uma teoria indicando o fato de que trabalhadores vindos do Oriente teriam trazido esta nova técnica, pois na primeiras cerâmicas de Arezzo de cor vermelha constatou-se o selo de um homem chamado M. PERENNIUS TIGRANUS, cujo cognome era oriental. Todavia interpretações como esta ainda carecem de explicações mais precisas.

Na verdade os caminhos para se compreenderem as engrenagens da origem da cerâmica arretina e seu comércio continuam em aberto; o que estamos tentando realizar aqui é um estudo comparativo dos dados obtidos para nos aproximarmos de uma possível interpretação sobre o tema. Logo, por intermédio das referências econômicas que podem nos auxiliar neste caminho.

Dados arqueológicos sobre a cerâmica de Arezzo.

Em primeiro lugar, é bom fazermos um comentário a respeito da terminologia relacionada à cerâmica.

Embora seu vocabulário não seja preciso, temos a tentativa de Stenico e Goudineau em classificá-lo.

Segundo Stenico (16:608), o vocábulo *vasi aretini* pertence à antigüidade e, entre os autores antigos, quem mais demonstra o valor desta expressão é Isidoro de Sevilha em sua obra *Etnologia* (XX, 4, 5). Isidoro acrescentou a esta classe de vasos o adjetivo *arretinus*.

Recentemente o termo *aretino* foi erroneamente utilizado para definir uma produção de técnica e aspecto semelhantes às dos vasos de Arezzo, entretanto a produção não era *aretina*. O termo certo é *arretino*.

Quanto à categoria, os vasos de Arezzo pertencem à "Terra Sigillata". Para o autor Goudineau (3:124) já ocorre uma grande confusão a partir deste dado.

Strictu senso, uma cerâmica "sigillata" seria aquela ornada de relevos; contudo no que se refere a Arezzo, constatou-se que a maior parte de sua produção era lisa. Neste caso, a arretina seria parcialmente sigillata.

A aproximação das suas duas características principais, decorações em relevo e superfície vermelha, conduziu os ceramólogos a nomear como "sigillata" as cerâmicas finas da época romana que comportavam essas prerrogativas. As produções ditas "sigillatas" seriam, então, aquelas que derivariam da arretina, a primeira representante da "Terra Sigillata" no Ocidente.

É fácil identificarmos a cerâmica de Arezzo. Sua superfície vermelha é fina, lustrosa e composta, principalmente, de sílica, óxido férrico e uma substância alcalina chamada de borax. Alguns autores denominam de “barbotine” a argila depurada que forma a superfície lisa da cerâmica. São as propriedades químicas da argila que ajudam a superfície a ficar brilhosa e não porosa, além de não propiciar uma mudança em sua cor devido a qualquer resfriamento.

Quanto à cozedura da cerâmica, é feita tanto em uma atmosfera redutora como em uma atmosfera oxidante. O momento em que o forno se encontra em uma temperatura máxima é quando a sua cor torna-se vermelha e, como já nos referimos, não varia mais. Arezzo se especializou na cozedura oxidante e exigiu fornos muito mais aperfeiçoados.

As técnicas de decoração eram, também, extremamente interessantes. Além da já mencionada “barbotine”, temos a de incisões e mais outras duas:

- a) Os vasos poderiam ser decorados externamente com motivos em relevo modelados à mão livre. Neste caso, as aplicações poderiam ser soldados com um mistura ainda não identificada pelos arqueólogos;
- b) Os vasos com decorações em relevo poderiam ser de matriz.

Esta categoria é a preferida dos estudiosos devido ao seu lado estético e, também, pelas relações de trabalho que implicou. Tal categoria exigia o emprego de punções na feitura dos moldes, necessitando de operações mais complicadas, ou seja, da preparação da punção ao aprontamento da matriz. Todavia, industrialmente, era vantajosa, pois permitia uma produção mais numerosa. Era preciso, então, uma técnica bem aprimorada e o emprego de uma mão-de-obra extremamente especializada e grandiosa.

Ainda em relação a sua decoração, temos conhecimento de que era bastante variada. Os pequenos copos, jarras e pratos possuíam decorações de folhas, rosas e vegetais. Alguns detalhes como máscaras teatrais eram algumas vezes adicionadas na decoração das bordas.

Existiam outros motivos como danças, cenas de banquetes, ilustrações místicas etc... As crateras de vinho eram normalmente ornamentadas com estações.

Acreditamos que os vasos com decoração em relevo representavam um veículo de linguagem figurativa; fora o interesse artístico que

esta cerâmica possui, ela representa um elemento de estudo para auxiliar na compreensão da História Social de seu período.

As formas contribuem, de igual modo, para este estudo. São, por seu turno, bem diversificadas: copos, vasos, jarras, tigelas, pratos de vários tipos e crateras com pedestais, utilizadas para conter líquido e comida.

De acordo com Catherine Johns (5), o primeiro estudo detalhado de suas formas foi feito, em 1895, por um arqueólogo chamado Hans Dragendorff. A classificação deste autor possui até 55 formas (incluindo todas as categorias "Sigillatas"). Sua classificação continua valendo até hoje, sendo seus números referidos com o prefixo "Dr" ou "Drag".

No que diz respeito à origem das formas, Peacock (10:115) e Walters (17:489) são unânimes em dizer que as formas dos vasos arretinos possuem uma forte influência das formas helenísticas, embora as de Arezzo possuam uma simplicidade mais acentuada.

Outra característica peculiar da cerâmica de Arezzo é que seus vasos vinham com as assinaturas dos seus fabricantes e/ou da de seus escravos. Formavam, na verdade, uma espécie de selo. Na maior parte das vezes os selos eram quadrangulares, mas tiveram formas variadas e, especialmente na época de Augusto, possuíam o formato de um pé (in planta pedis). Este tipo de selo era muito adotado na cerâmica lisa, mas não se sabe explicar por qual motivo. Houve, também, selos com formato de mão, porém, eram muito raros.

Na cerâmica lisa os selos eram estampilhados no fundo dos vasos, outro fato com explicação desconhecida.

As assinaturas variavam muito. A mais conhecida, por exemplo, era: M. PERENNI, M. PEREN E M. PER. e até mesmo M. PE.

Usualmente o nome que aparece no selo é o do oleiro. Às vezes, o nome do escravo era adicionado em cima ou embaixo da assinatura do próprio oleiro. Ex.:

POTVS	P.CORN	POTI
P.COR	PTOVS	P.CORN

Algumas vezes é difícil distinguir quando aparecem dois ou mais nomes empilhados desta forma:

A.VIBI	ou	P.CORNELI
DIOM		ANTHUS

Pode ser que tal fato esteja demonstrando um escravo que se tornou livre, como:

A. VIBIVS DIOMEDES ou P.CORNELIUS ANTHUS

A última forma conhecida é a seguinte:

P.MESEINI ou P.CORNELI
AMILIUS S(ervus) FIRMUS F(ecit)

O contexto da cerâmica de Arezzo e uma possível interpretação sobre seu comércio

Durante a época de Augusto o Império Romano foi praticamente renovado.

A meta principal da política de Augusto foi a restauração da paz e da propriedade, assim, muitas fronteiras foram fixadas com a conquista e anexação de novos territórios. Como exemplo, a consolidação do poder no norte e no nordeste, Reno e Danúbio, e a pacificação dos territórios das Gálias e da Espanha.

O estabelecimento da paz na terra e no mar significou um grande avanço para a vida econômica do Império, as atividades industriais e comerciais foram incrementadas, pois houve condições propícias ao desenvolvimento do comércio. Os direitos aduaneiros foram as únicas restrições existentes para a realização do comércio, mas não foram elevados nas fronteiras de cada província (14:117).

A época de Augusto foi um período de liberdade quase que absoluto para o comércio e de excelentes conjunturas para a iniciativa privada. Uma prova disto foi o desenvolvimento ocorrido nas cidades, principalmente nas da Itália. Com suas cidades numerosas a Itália foi um mercado gigantesco e riquíssimo para o resto do mundo.

Charlesworth atesta que as essências do florescimento do comércio são: uma população vivendo sem receios, a segurança dos meios de comunicação e uma boa cunhagem (2:11). Em todos esses pontos Augusto teve uma atenção especial, o que facilitou o intercâmbio de manufaturas e um desenvolvimento seguro para o o Império Romano. A Itália exportava grandes quantidades de manufaturas, em especial a cerâmica arretina, que dominou por muito tempo o mercado mundial. Destacou-se, igualmente, nesta fase de desenvolvimento, o porto exportador Puteólos. Foi, também, na época de Augusto que se acentuou a quantidade de mão-de-

obra escrava. Já nos últimos séculos da República (séculos II e I a.C.) houve uma enorme entrada desta mão-de-obra. Provenientes da Grécia e da Ásia Menor, afluíam, sobretudo, para enormes propriedades dos reis helenísticos, e este fluxo não cessou durante o período de Augusto.

A fabricação da cerâmica de Arezzo e sua técnica de decoração precisavam de uma mão-de-obra especializada como essa.

O desenvolvimento do comércio e da manufatura da cerâmica arretina necessitou de condições políticas e econômicas tais como foram determinadas na época de Augusto.

A prova está em que a cerâmica foi exportada para todas as províncias do Império, inclusive para regiões exteriores. Segundo Pucci (12:283), sua difusão geográfica de enorme intensidade numa extensão que para a época pode ser definida como mundial fez com que a literatura histórico-arqueológica a situasse como uma típica atividade industrial. O ecletismo das formas e dos tipos de decoração da cerâmica arretina demonstram a influência dos múltiplos contatos efetuados entre as distantes regiões conquistadas. Esta contestação é devida ao fato de a arretina ter sido encontrada em diversas regiões do Império e, fundamentalmente, em muitos lugares da Itália: Roma, Cervetri, Vulci, Mutia, Campânia, Capua, Cumae, Pompéia e Putéolos. Foi encontrada, também, na Espanha, Gália (França), Germânia, África do norte e Ásia Menor.

Elaboramos, diante do exposto, duas hipóteses:

- a) havia vários centros de produção espalhados por todo o Império. Arezzo seria a matriz principal e em outras regiões haveria as sucursais;
- b) havia um amplo sistema de exportações comandado por Arezzo. Existiriam alguns pontos de redistribuição da cerâmica.

Existem muitas dúvidas a respeito do assunto, mas ficamos, preferencialmente, com a primeira hipótese. A situação geográfica de Arezzo não era muito favorável a uma comercialização intensa, logo, existiriam sucursais de produção destinadas a relacionar e aproximar os lugares de fabricação dos grandes centros exportadores.

Foram reconhecidos em Putéolos ateliês produtores da cerâmica. Descobriu-se, também, em Lyon (Lugduno), vestígios de ateliês produtores da arretina lisa ou decorada. A partir daí, foi feito um programa de pesquisas em laboratório determinando a composição química dos vasos e das moldagens dos grupos correspondentes a proveniências diferentes. No caso de Lyon foi possível estabelecer que certas matrizes de vasos

decorados eram importadas de Arezzo, enquanto outras tinham sido fabricadas no local. Foi comprovada no caso de Lyon a hipótese de uma sucursal.

Compreendemos, então, a possibilidade que certos oleiros tiveram em criar, nos portos marítimos, as várias filiais onde se delegavam escravos ou homens livres. Estes levavam ferramentas e moldes; provavelmente recebiam, com regularidade, novos moldes e decorações de Arezzo.

Estas suposições vão de encontro com a seguinte colocação de Pucci:

“A parte mais relevante do comércio da cerâmica itálica verificou-se pela via marítima, em direção a todos os empórios costeiros do Mediterrâneo ou por via fluvial em direção, sobretudo, das províncias e do ‘limes setentrional’” (12:283).

O comércio da cerâmica arretina foi fortíssimo na época de Augusto, mas logo depois, em meados da época de Tibério (14 - 37 d.C.), ele começou a decrescer em certos mercados externos (Germânia e Gálias); manteve, no entanto, uma boa posição na Itália e na África do Norte. Mas em meados do século I d.C., apenas algumas de suas reminiscências passaram a existir na Itália. Alguns motivos de decoração foram reprisados em certos vasos italianos posteriores, porém a técnica empregada foi muito inferior à de Arezzo; foi a produção denominada “tardo-itálica”.

Como pudemos observar, há muitos pontos obscuros em relação ao estudo do comércio desta cerâmica.

Apesar de termos realizado um levantamento sistemático sobre a produção científica relativa ao tema, deixamos em aberto várias problemáticas. Como exemplo: quem, exatamente, tinha interesse em produzir esta cerâmica? Quem a utilizava? Será que ela servia para algum aparato ideológico?

Percebemos que a cerâmica revelou uma transformação econômica dentro da própria cidade de Arezzo. A cidade cresceu e se desenvolveu muito com sua produção; talvez a cerâmica tenha sido até mesmo utilizada como elemento de troca comercial.

Contudo, resta-nos ainda detectar com maior precisão o que este comércio refletiu e o que representou para o período de Augusto.

Temos certeza de que a cerâmica arretina continuou sendo muito valorizada em séculos posteriores. Finalizando, demonstraremos um

epigrama de Marcial – não sabemos para quem foi endereçado – indicando estes pensamento:

Não despreze muito, eu te aconselho o conjunto de louças de Arretium era um luxo para Porsenna, mais que os vasos em terra de Etrúria” (7).

Bibliografia

- BLOCH, Raymond. *Roma e o seu destino*. Lisboa, Edições Cosmos, 1964.
- CHARLESWORTH, M. P. *Trade Routes and Commerce of the Roman Empire*. Chicago, Ares Publishers INC, 1926.
- GOUDINEAU, Ch. “La Ceramique Aretine”. In: *Céramiques Hellenistiques et Romaines*. Centre de Recherches d’Histoire Ancienne. Annales Littéraires de L’Université de Besançon, 242. Paris, Les Belles Lettres, s.d.
- GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa, Edições 70, 1988.
- JOHNS, Catherine. *Arretine and Samian Pottery*. London, The trustees of the British Museum, 1971.
- MAETZKE, G. Arezzo. In: BANDINELLI, R. B. (org.). *Enciclopedia dell’Arte Antiga Classica e Orientale*. Instituto della Enciclopedia Italiana. Fondata da Giovanni Trecanni. Roma, s.d. v.I.
- MARCIAL. *Épigrames*. Paris, Les Belles Lettres, 1961. T.II.
- NICOLET, Claude. *Rome et la conquête du monde méditerranée*. Les structures de L’Italie Romaine. Paris, Presses universitaires de France, 1977. vI.
- PEACOCK, D.P.S. *Pottery and Early Commerce*. Characterization and Trace in Roman and Later Ceramics. London, Academic Press, 1977.
- PEACOCK, D.P.S. *Pottery in the Roman World*. London and new York, Longman, 1982.
- PETIT, Paul. *Histoire Générale de L’Empire Romain*. Paris, Éditions du Seuil, 1974.
- PUCCI, Giuseppe. “La produzione della ceramica aretina. Note sull’industria nella prima età imperiale romana.” In: BANDINELLI,

- R.B. (org.). *Dialoghi di Archeologia*. Rivista quadrimestrale, II Saggiatore S.p.A., n 2-3, p. 283, 1974.
- RENFREW, Colin. Introduction: Production and Exchange in Early State Societies, the Evidence of Pottery. In: PEACOCK, D.P.S. *Pottery and Early Commerce*. Characterization and Trade in Roman and Later Ceramic. London, Academic Press, 1977.
- ROSTOVTZEFF, M. *Historia social y economica del Imperio Romano*. Madrid, Espasa Calpe, 1962, v.I.
- ROWELL, H. *Rome in the Augustan Age*. USA, University of Oklahoma Press, 1962.
- STENICO, A. Aretino Vasi. In: BANDINELLI, R.B. (org.). *Enciclopedia dell'Arte Antiga Classica e Orientale*. Istituto della Enciclopedia Italiana. Fondata da Giovanni Trecanni. Roma, s.d. v.I.
- WALTERS, H.B. *History of Ancient Pottery*. Washington, Mac Grath Publishing Company. 1973. v.II.